"Poder político tem de olhar para o interesse estratégico do país e desenvolver a produção de cereais"

"Estamos muito dependentes das trocas comerciais e estas atrasam-se. O poder político não pode olhar para a actividade agrícola numa perspectiva meramente economicista. Tem de olhar para o interesse estratégico do país e para isso é necessário preservar e desenvolver o potencial produtivo do país no que respeita aos cereais".



Alfredo Aires
Professor e investigador na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Os números relativos à produção evidenciam que os cereais perderam muita importância em Portugal. Para Alfredo Aires, professor na UTAD, este decréscimo resulta de uma visão política que considera mais barato importar do que produzir e de um desinvestimento muito elevado nos cereais, mas que, como refere, "do ponto vista estratégico é errado. Não podemos produzir só na base do rendimento que vamos obter, mas sim considerando outras necessidades. E aqui o poder político falha porque não tem havido uma política nem uma boa vontade de manter algumas produções, ainda que não gerem tantos rendimentos, mas que poderiam perfeitamente manter uma actividade produtiva e poderiam manter a nossa balança comercial mais equilibrada".
Na sua opinião, esta opção tem levado a um abandono muito grande de explorações: "no interior transmontano começámos a substituir algumas produções por outras mais rentáveis, mas isso não se traduziu na fixação de pessoas. Traduziu-se na criação de novas empresas que estão desprovidas de pessoas. Se o cereal fosse mais valorizado e houvesse mais incentivos tínhamos mais pessoas a produzir e mais pessoas que se fixavam nas regiões".

São necessárias políticas de incentivo à produção de cereais

Para Alfredo Aires, o poder político não vê a defesa dos cereais como uma solução estratégica e, portanto, não cria políticas que levem os agricultores para estas produções, e para reverter o abandono e o défice, deve perspectivar-se uma política mais favorável de incentivo aos cereais de grão, subsidiando a produção, como já se faz com o tomate, por exemplo.
Salienta, ainda, que "o Governo português perdeu uma oportunidade ao negociar as medidas agroambientais (PAC) onde a Agricultura Familiar poderia ter tido uma grande predominância, sobretudo no incentivo aos cereais como forma de fixação de populações e de ter uma agricultura mais amiga do ambiente. O cultivo de cereais de sequeiro é muito mais amigo do ambiente".

Esvaziamento das zonas agrárias prejudicou agricultores

"No caso dos cereais, o esvaziamento das competências das instituições regionais das zonas agrárias levou a muita perda de aconselhamento e os agricultores viram-se sem apoios de um momento para o outro. Essa foi também uma das razões para o declínio da utilização dos campos para a produção de cereal. Teve impacto negativo na cultura dos cereais no Norte transmontano e na Guarda, principalmente na produção de centeio", refere Alfredo Aires.

"Temos clima e solos adequados para o centeio no interior"

Hoje produzimos 17,2 mil toneladas de centeio, o que se traduziu numa quebra entre 60% a 65% face ao ano 2000. Segundo Alfredo Aires, o interior Norte (Trás-os-Montes e zonas da Guarda) tem muitas potencialidades para a produção de centeio – precisa é de políticas de incentivo à produção.
"O centeio é uma cultura perfeitamente adaptada e as variedades que existiam antigamente ainda são utilizadas por muitos agricultores. Existem muito boas condições para a produção e ainda temos muito potencial que pode ser muito aproveitado, pelo que é pena que de facto assim não seja, até porque o consumo deste cereal está a aumentar", refere acrescentando que assim se compromete mais o auto-aprovisionamento do país.

Co-financiado por: PDR 2020 PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO RURAL 2014-2020 PORTUGAL 2020 UNIÃO EUROPEIA Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural A Europa investe nas Zonas R